



## DEPOIMENTO SOBRE UM MOMENTO DA HISTÓRIA DO SEMINÁRIO DA PRAINHA.

*Mons. José Edson Magalhães\**

Reconhecendo a rica e meritória história da formação humanística, filosófica e teológica que o Seminário da Prainha oferecera a tantas gerações de jovens, das quais saíram pessoas como o original e extraordinário Dom Hélder Câmara, Austregésilo de Ataíde, jornalista e presidente da Academia Brasileira de Letras, Pe. Cícero Romão, líder religioso e político numa região do estado do Ceará, achávamos porém, muitos da nossa geração, haver chegado a hora de mexer com as águas estagnadas, de renovar a estrutura e o estilo de conduzir o Seminário da Prainha, muito fechado.

Estávamos nos considerando vítimas de uma mentalidade já ultrapassada em face de uma nova realidade complexa e desafiadora, que surgia, e iríamos enfrentar, inseguros e despreparados, logo mais, no mundo, na sociedade. O Seminário era um retrato das estruturas eclesiais envelhecidas da época, da vida monástica defasada, da mentalidade conservadora da Igreja Instituição.

Tínhamos cinco grupos de seminaristas àquela época:

1. O grupo consciente ou inconscientemente, não sei, alinhado com o pensamento de Dom Siguan, Dom Castro Mayer, ligados ao bispo suíço Lefebvre. Esse grupo assinava, lia e divulgava o jornal o Catolicismo.

2. O grupo entusiasmado e encantado com a renovação litúrgica e a renovação bíblica. Os movimentos litúrgico e bíblico caminhavam fortes pela França, Bélgica, Alemanha e ajudaram a preparar o Concílio Ecumênico Vaticano II. No Seminário esse grupo era chamado o grupo do “Iquitis”.

3. O grupo interessado pelos problemas, pelas questões sociais, grupo menor, voltado, sobretudo, para a realidade brasileira e nordestina, especialmente.

4. O grupo dos pragmáticos, bons discípulos que haviam ficado cativos do filósofo Williams James.

## 5. O grupo dos indiferentes e acomodados.

Os grupos dos interessados pela renovação litúrgica e bíblica e pela problemática social buscávamos nos relacionar, dialogar com os leigos engajados na Ação Católica: JOC, JEC, JUC, JAC de acordo com as opções de cada um. Relacionamento, diálogo vantajoso para os dois lados.

Estes dois grupos de seminaristas, de alunos, tinham um objetivo, não tão claro e preciso quanto veio a se tornar poucos anos depois, com a inspiração e realização do Concílio Vaticano II; mas, já era com certeza, o sonho de mudança, de renovação da estrutura e do estilo de viver do Seminário, adequando-o às exigências e aos desafios de uma realidade diferente, nova que se sentia presente no mundo, na sociedade.

O nosso desejo e o esforço de muitos, às vezes, correndo riscos, era, portanto, uma abertura do Seminário para uma renovação litúrgica, bíblica, teológica, social, evangelizadora, pastoral que nos convencesse disto e nos entusiasmasse para a missão no meio do mundo real.

Pensávamos e acreditávamos ser possível mudar, encontrar uma nova forma de preparar, formar padres ou leigos, ( pois muitos deixariam o Seminário) com um novo estilo de ser e de agir, atualizados, pastores, de fato, servidores, seguidores do Mestre dos Mestres, Jesus Cristo, abertos para as pessoas situadas nos mais diversos contextos da vida concreta.

Desejávamos uma maior aproximação com leigos e leigas, com os quais e com as quais teríamos de conviver e trabalhar mais tarde nas nossas comunidades.

Queríamos pregadores com linguagem e conteúdo homilético mais evangelizador, mais pastoral. Quando presidente do Centro de Oratória São João Crisóstomo, insistindo neste particular, retiraram do contexto da minha fala uma frase que quase ia me custando a cabeça: “Não reproduzamos a monotonia infernal dos sermões dominicais “.

Não há, contudo, virada na história, em nenhum dos seus aspectos, sem que seja antecedida de consciências inquietas, de tensões, de resistência, de fermentação, de luta nas bases, ora camufladamente, ora abertamente, sem que haja, enfim, um movimento precursor que prepara a virada. Tudo isto aconteceu realmente.

Para usar de um eufemismo, o desentendimento entre lazaristas e o grupo de padres seculares que trabalhava no Seminário, começou exatamente no meu penúltimo ano de Seminário maior, liderado pelo

Reitor da época e que culminou, algum tempo depois, com a retirada da Congregação.

O clima de transição, de mudança lenta, com alguns hiatos, iniciou-se conforme o nosso modo de ler os fatos históricos, com a presença, as idéias da parte do corpo docente, de quatro educadores e formadores: Padre Josafá, que nos honra com a sua presença e nos fartou com substanciosa refeição; Padre Hugo, Padre Jorge e Padre Luz. Este último no seu jeito boêmio e manhoso, ia oferecendo dicas para os alunos atentos às aulas de Bíblia, enfatizando o valor das novas descobertas arqueológicas, pedindo cuidado a respeito das maneiras de ler a Bíblia; e nas aulas de Literatura percorrendo sobre o Modernismo, insistia nos autores nordestinos que retratam a nossa realidade: José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Jorge de Lima, José Américo de Almeida, e outros.

Realmente a leitura destes escritores, como também de autores franceses, lidos ainda em francês e pouco depois traduzidos em língua vernácula: Jacques Maritain com “Humanismo Integral”, por exemplo; Gabriel Marcel com a “Luta dos homens contra o Homem”, Lebrecht e ainda do nosso Alceu Amoroso Lima - Tristão de Ataíde - nos ajudou bastante a nos colocar numa linha de humanismo, de responsabilidade e de compromisso social e político.

O Seminário da Prainha que desempenhou uma missão profundamente marcante e decisiva na educação e na formação de uma elite eclesiástica, religiosa e civil no Ceará e até fora do Ceará, depois de sacudido pelos ventos fortes e benéficos do Concílio Vaticano II, continua na tarefa do ITEP, aberto também aos leigos e às leigas.

Seu papel, como herdeiro do positivo, dos valores do velho e novo Seminário da Prainha, é, inquestionavelmente, significativo. Seu trabalho é um apostolado. A ele compete dialogar com religiões e culturas, com Universidades, com o progresso social e político, embora tão contraditório.

Seu projeto educativo deve ser libertador no processo de capacitação das pessoas para as mais diversas atividades.

Ele precisa prosseguir corajosamente, atualizando-se sempre, procurando, incansavelmente, métodos para ligar fé e vida, levando adiante o seu projeto, segundo a inspiração do Concílio Vaticano II.

*\*Mons. José Edson Magalhães  
Presbítero da Diocese de Sobral*